

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DASILVA ORAÇA, Limit.*

Dirêtor: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS RUA DO SÉCULO, 43 LISBOA

Delirio das grandezas



—Então, meu filho, em que altura estamos a respeito da conquista do mundo?
—Só nos faltam Andorra e S. Marino para termos na mão todas as grandes nações da Europa!

PALESTRA AMENA

A RUSSIA

Aquela Rússia ha muito tempo que dava grandes cuidados á pessoa que assina estas modestas linhas e que por ella tem grandes simpatias desde que um orfeon russo esteve entre nós, no Coliseu da rua da Palma, e aí cantou algumas canções portuguezas com tão boa pronuncia como se fosse o de Condeixa.

Mas por isso que muito a estimamos, muito recebamos por ella. Que demonio queria dizer uma nação com um rôr de metros de circunferencia e uma população quasi infinita, apanhar dos japonezes a sova que nós sabemos? Que diabo de causas haveria a facilitar a entrada dos austro-alemães por ali dentro a rendição de dezenas de generaes, aquellas oscilações de ora se querer a paz ora se querer a guerra?

Nada: a nossa amada Rússia tinha espinho e grande, encravado no seu robus o organismo, espinho que a não deixava ser senhora das suas facultades, que a mpeidia de se impôr e ser tao grande no moral como o é no físico. Então, com o espinho atravessado, lembrámo-nos d'uma peça moscovita, que lêmos n'uma tradução franceza com o título de *Le revisor*, apesar de a podermos muito bem ter lido e compreendido em russo, visto sabermos perfeitamente o que quer dizer *Ale xovitz*, ou *vitch*, como quizerem.

A referida peça foi representada a primeira vez em S. Petersburgo e tal escandalo produziu que a autoridade policial a prohiu sem demora. Chegou aos ouvidos do imperador a noticia da obra e da prohição e este ordenou que subisse á cena mais uma noite, para a ouvir e avaliar da justiça ou injustiça da policia.

E' o seguinte, pouco mais ou menos, *Le revisor*. Em certa cidade russa annuncia-se a chegada do *revisor*, que na Rússia vem a ser um fiscal universal, isto é, um cavalheiro que fiscalisa todos os serviços publicos—absolutamente todos. Quem annuncia a chegada é o chefe dos correios, que a sabe por uma carta particular, que abriu. E logo comunica a nova aos directores de todos os outros serviços, ao da policia, ao dos hospitaes, ao do ensino, ao das repartições de cobrança, aos jizes, etc. todos com longas culpas no cartorio, imoraes até á raiz dos cabels.

Chega a essa cidade um sujeito que é tomado pelo *revisor*. Logo todas as autoridades, commerciantes, industriaes, simples particiares, se apressam a enchê-lo de dadas para que elle feche os olhos ás poucas vergo has que por lá vão, como haviam sempre feito os fiscaes antecessores d'aquelle. O visitante, que não era tal o *revisor*, mas um pandego qualquer. recebe os presentes, guarda-os, safase e quando os prevaricadores se julgavam absolvidos e estavam esgotados apparecia o verdadeiro *revisor*, na ultima cena, ficando todos aterrados por já não terem com que comprar a condescendencia d'aquelle enviado do governo central.

O imperador, que era o avô do actual, se não estamos em erro, aplaudiu calorosamente a peça e levantou a prohição, ordenando a continuacão das representações enquanto o publico se não mostrasse enfadado.

Viu-se agora mais uma vez que se o teatro *ridendo castigat mores*, os não regenera, de modo que de quando em quando é necessaria uma revoluçõsita para pôr as coisas no são.

E' o diabo, quando n'um paiz uns comem de mais e outros não comem nada!

J. Neutral.

Os deveres da hospitalidade

Retirou a companhia franceza que durante algumas noites chamou numerosa concurrencia ao teatro Nacional e pode gabar-se de não ter recebido o menor agravo do nosso colaborador Jerolmo, o qual nos comunica que assim procedeu não só por deveres de hospitalidade mas tambem por ter deixado em Pêras Ruivas um nodoso cacete de marmeiro, que possui.

Quanto ao grande publico, foi delicadissimo, como era seu dever de bom aliado, aplaudindo todas as noites a alma de Coquelin *ainé* na pessoa de seu pobresobrinho João, a Sara Bernardt na voz da sr.^a Dufrené, etc. Com o *Cyrano de Bergeac* foi particularmente amavel, continuando a festejar a alma



de Coquelin no nariz do sr. Duval, e, quanto a cenario, mobiliario, etc. fazendo todo o possivel por não ver que estava assistindo a uma recita de curiosos no teatro das Trinas.

Emfim, os memeros da companhia saíam da capital sem beiscadura e decerto levarão dos portuguezes as melhores recorlações e a convção de que são as pessoas mais pacientes do universo.

Entretanto, ousamos aconselhar os da Porta de S. Martinho a que não venham por cá em tempo de paz, quando não tivermos obrição de ser benevolos para com os nossos irmãos de armas, não vá o diabo do Jerolmo mandar vir de Pêras Ruivas o seu celebrado cacete de marmeiro.

Misterio

Misterio insondavel é este do pão em Lisboa ser mulato, sem que o pa seja preto e a mãe branca, ou vice-versa. Se o trigo é alourado e o milho branco ou amarelo, em geral, como pode a mistura dos dois cereais—que outra não permite a lei—ser cor de castanha?

Acaso na moagem ou na panificacão se introduzirá materia estranha na laboração do produto? Nem por som-

bras queremos pensar em tal disparate, pois que moagiros e padeiros são, como é sabido, pessoas honradissimas.

Aqui só ha uma explicação: é que o



milho do novo pão é milho preto, isto é, milho-rei, aquele cuja espiga, encontrada nas descamisadas, dá ao achador o direito de abraçar as raparigas presentes. Ora sendo rei, não admira que o pão saiba tão mal a repulicacionos.

Palavras...

Dizem telegramas de Petrogrado, que o novo governo russo tomará como divisa Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Quer dizer: da ui a pouco estão todos á pancadaria uns aos outros.

Tudo serve

Anunciou a Companhia do Gaz que deixa de fornecer coque ao publico, porque tem de lançar mão de todo e qualquer combustivel, o que já toda a gente tinha percebido, porque a luz de lamparina que nos dão os rarissimos candieiros acesos em Lisboa não pôde provir, evidentemente, do gaz da hulha.

N'este ponto é justo louvar os directores da Companhia, que não olham a sacrificios, nem mesmo pessoas, para entreter a combustão; ha-os que tem sacrificado a begala, o chapeu alto, as botas, etc., em substituição do



carvão, como se conhece pelo exame dos bicos. Em frente da nossa redacção, por exemplo, ha um candieiro que já este mez esteve aceso duas vezes e cujo cheiro denunciava perfeitamente qual a materia prima empregada: uma noite era o cheiro do sebo, outra o do papel queimado, significando que os directores tinham sacrificado a illuminação as peugas e as ações da Companhia, respectivamente.

Higiene e beleza

Continúa a senhora que subscreve a secção *Higiene e beleza* n'um jornal do lusco-fusco, a tratar da cutis das suas colegas no sexo, mas de vez em quando é sibilina. Por exemplo: uma menina, que assina *Petiza*, queixou-se-lhe de que era palida e ela respondeu: «Os seus quinze anos saudáveis não necessitam de cosmeticos; e mesmo que d'entios fossem recorrer-se-ia a meios naturaes para pôr nas faces de *Petiza* as rosas que ela tanto ambiciona.»

Bem se sabe qual é a maneira de fazer có ar uma rapariga, mas era melhor diz-la claramente, não suouha a pequena que se trata de algum palavrão inídecante.

E se algumas vezes a illustre senhora é nebulosa, outras vezes é má conselheira, como quando diz a *Josefina, a loira*:—«As lavagens com infusão de camomila não deixam escurecer o cabelo. Os banhos de sol são ótimos.»

Para al irar o cabelo? não são tal. N'um muro, em frente da nossa redacção, um gato preto passa horas ao sol e está cada vez mais Henrique de Vasconcelos.

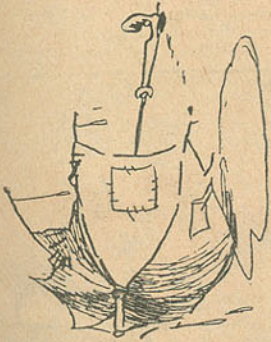
Memorias de um guarda-chuva

I

Finalmente, estou sêco! Ha perto de tres mezes que tenho andado numa sôpa, pingando noite e dia, tantas batagas de chuva apanhei! Os vendavais rasgaram-me o pano e despedaçaram-me as varetas; a minha armação está deploravel, mas, emfim, o sol chegou e eu descanço...

II

O que eu cobri durante o inverno! Primeiro a cabeça do meu dono, que é politico e que nada perderia se recebesse alguns banhos de chuva. Depois, juntamente com a do meu dono, a de uma menina que certo dia junto



III

E cobri mais de um cento de vezes



O grão-duque Miguel Alexandrovitch

Eu vos saúdo esplendido Mignel De Nicolau provavel sucessor, Desejando que o novo imperador Represente melhor o seu papel.

Agora é ser valente, sei fiel, Do povo mais irmão do que senhor. Ser justo mas ser bom; ter mais amor Dentro do coração que sanha e fel.

Não era o Nicolau mau cidadão, Porém não basta apenas não ser mau Para se governar uma nação;

E' preciso dar pão além do pau E foi por dar só pau e não dar pão Que deu em droga o mano Nicolau.

Belmiro.

a cara do meu dono, que me abaixava e de mim fazia escudo, logo que avistava um crédor ao lado de quem tinha de passar. Graças a mim, ele não era visto, mas nessa manobra é que apanhei quasi todos os rombos que me despedaçaram, de encontro a outros que vinham em sentido oposto.

IV

Mas hontem chegaram as andorinhas e com elas voltou-me a alegria. Ia descançar, emfim! Enxerguei-as quando passou o ultimo chuveiro de março; adivinhando que eu ia ser fechado e ia descançar por alguns mezes, a minha ponteira sorriu para as avesinhas que atravessavam uma nesga azul do ceu. Então t'es pingos mais fortes me caíram no pedacito de seda que me restava e que não eram liquidos mas pastosos...

E agora que estou seco, se por um lado bemdigo a ociosidade que vou gosar, por outro lembro-me de que nem tudo o que a primavera produz é agradável...

Publius.

...é vice-versa

Anexo á Academia do sr. Antonio Cabreira criou o sr. Antonio Cabreira um instituto a que, modestamente, poz o nome de Instituto Antonio Cabreira e domingo passado o sr. Antonio Cabreira, acompanhado por varios amigos, foi a casa do sr. Schiappa Monteiro entregar-lhe o diploma de presidente honorario do Instituto Antonio Cabreira.

Consta que em breve se fundará o Instituto Schiappa Monteiro e que o sr. Schiappa Monteiro irá a casa do sr. Antonio Cabreira entregar-lhe o diploma de presidente honorario do Instituto Schiappa Monteiro.

O Marques satisfeito

A noticia de que a Inglaterra está, emfim, resolvida a adotar o sistema metrico, nos pesos e medidas, tornou radiante o nosso Marques.

—Ainda bem, disse ele ao amigo que lhe deu a novidade. Nunca fui capaz de fazer idéa do que os inglezes queriam significar, quando diziam, por exemplo, vinte jardas...

—E agora, com a adoção do sistema metrico?

—Agora já sei que quando eles disserem vinte jardas é como se dissessem vinte metros...

Bocage e os medicos

(Continuação)

XIX

Um chapado, um retumbante
Corifeu da medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.

Eis para curá-la o chamam
Pela alta fama que tem.
Geme o doutor e responde:
—Não vou, que lhe quero bem.

XX

Gratis pespega o verdugo
No pescoço ou laço ou corte;
O espadachim mata gratis,
O medico vende a morte.

XXI

Trouxe-se á nobre doente
Um récipe singular.
Morreu do récipe? Não;
Só da tenção de o tomar.

XXII

In fide parochis, atesto
(Escrevia inchado cura)
Que sof eu Lopo Forçura
Da morte o golpe funesto.

Tal clareza não se achou
Dos obitos no registo,
Mas atesto-o por ter visto
A receita que tomou.

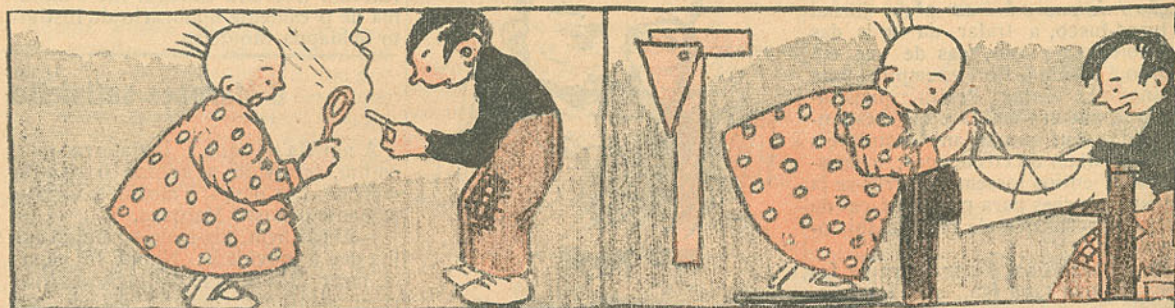
XXIII

Arrimado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doutor que passava.

Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro, em ar jocundo:
—Unamo-nos, meu doutor,
E demos cabo do mundo.

(Continua).

Manecas, rival de Arquimedes



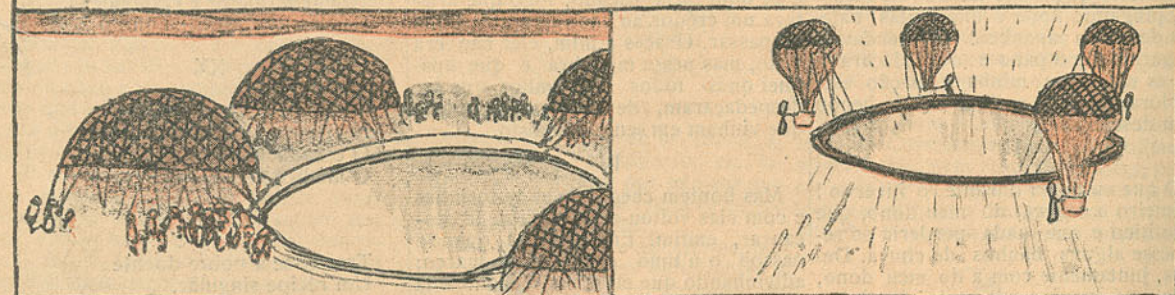
1.—Vendo que ao sol uma lente
Quilquer fosforo la endela,
O Manecas, de repente
Tem uma famosa ideia.

2.—Ajuado pelo mano,
Que e tambem pessoa esperta,
Faz o desenho do plano
De mais uma descoberta.



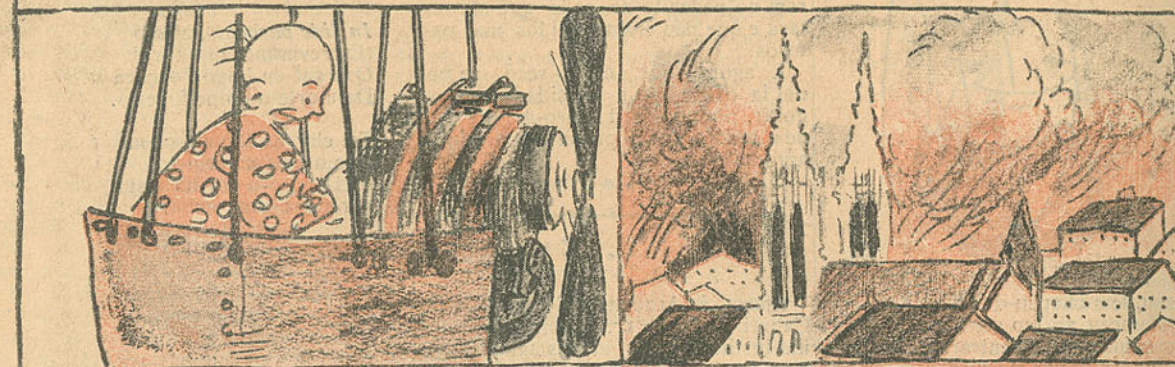
3.—Parte p'ra terras lonjirinas
Levando a grande invenção
E a um mestre de oficinas
Propõe logo a construção.

4.—Mãos á obra : o nosso artista
Manda aparar um cristal
De espessura nunca vista
E potencia colossal.



5.—E manda depois li ar
Varios balões em redor
Para a lente levantar
Sem trabalho de maior.

6.—La vae ela, la vae ela,
Nunca se viu coisa assim !
Manecas, á manivela,
Corta direito a Berlim.



7.—Ageita a lente na altura
E faz na terra incidir
Uma tal temperatura
Que é d'um sujeito fugir !

8.—Arde Berlim como oez
Gracas ao nosso inventor
E o Guilherme d'esta vez
Apanha um grande calor.